

Medos infantis na atualidade: as múltiplas faces do bicho papão

Daniela Laskani

Quem não tem teto de vidro que atire a primeira pedra! Medo incomoda! São cacos de vidro cortantes ameaçando cair de ponta nas nossas cabeças e que nos acompanham desde os primeiros momentos de vida.

Quem são eles que nos atormentam em dias escuros? Quais os elementos que escurecem os dias na atualidade? Diz aí o nome do seu picho papão!

Mesmo que a preocupação do trabalho seja o cenário atual do medo nas crianças, é importante lembrar que o medo é um sentimento que nos acompanha desde nossos primeiros ancestrais. Há mais de um milhão de anos, ainda éramos presas fáceis para os demais predadores e vivíamos o tempo todo com medo. Somente depois, há quatrocentos mil anos que tivemos condições de caçar animais maiores e só nos últimos cem mil anos nos tornamos abruptamente o topo da cadeia alimentar como *homo sapiens*. Abruptamente porque demos um salto da condição de oprimidos cheio de medos e ansiedades para uma condição de poder e domínio sobre outras espécies. A hipótese de Harari é que justamente esse salto repentino de uma condição de medo para outra de extremo poder inauguraram facetas cruéis e perigosas resultando em predisposições para responsabilidades de grandes calamidades históricas.

Mas o que será que difere os medos dos nossos ancestrais das cavernas com os medos atuais? A capacidade imaginativa dos *homo sapiens*. Foi justamente a capacidade imaginativa que permitiu ao homem não só imaginar, mas também fazer isso coletivamente. Lendas, mitos, religiões, territórios, Estados, economia, política... tudo isso é fruto da nossa capacidade imaginativa. O medo portanto tem uma raiz instintiva de autopreservação e sobrevivência, mas toda a elaboração ao redor desse sentimento se deve a capacidade imaginativa do homem. *É necessário, também, levar em consideração a interação de idéias, imagens e fantasias* (Harari). Não, nós não somos lagostas! Piadas à parte! (

A criança por sua vez, é um poço de fantasias. Alguns teóricos levam em consideração inclusive as emoções intra-uterinas despertadas mesmo antes do nascimento da criança. A diferença entre as fantasias do adulto das fantasias das crianças, é que essas são despertadas a partir de uma experiência afetiva porém sem capacidade de simbolização sofisticada ou capacidade de abstração. Por esse motivo a

experiência se torna muito mais intensa e com maior necessidade de ser contida por um adulto ou cuidador. Espera-se que o adulto tenha maior capacidade elaborativa do que as crianças (o que nem sempre acontece) e por esse motivo são eles os responsáveis, segundo Jacoby, pela elaboração dos mitos que surgem a partir da imaginação coletiva na tentativa de dar sentido para as experiências no mundo. Uma necessidade humana de integração do desconhecido, caótico, escuro, sombrio.

O sentido junguiano para as fantasias infantis se deve a uma pré disposição para imagens arquetípicas que são geradas na medida em que se relaciona com os afetos que são despertados na interação com o meio social e ambiental.

O primeiro contato da criança é com sua mãe biológica. Após o nascimento a criança passa ter em seus pais ou cuidadores o maior continente de emoções. A criança experiencia todo um campo de sensações corporais, padrões de ritmos psicofisiológicos. São experiências responsáveis pela autoregulação de ritmos de tensão e relaxamento nos seus primeiros dias e meses. Esses padrões tendem a se repetir mais tarde na necessidade de afeto, contato, e interação emocional com o mundo. O desenvolvimento da capacidade significativa de simbolização da criança depende também do ambiente e dos espelhamentos do cuidador. As crianças podem ser malsucedidas na tentativa de obter atenção da mãe ou cuidador e as repetições desse evento podem gerar sentimentos de tensão, vulnerabilidade, dúvidas e desespero. Na falta de capacidade de simbolização da criança essas emoções ainda permanecem amorfas e futuramente geram fantasias e imagens na tentativa de dar um formato para elas, imagens de todos os tipos, inclusive sintomas como os de ansiedade por exemplo.

Quando a criança chega no consultório, ela já estabeleceu uma relação estreita com suas fantasias e seus sintomas de medo que servem até o presente momento como estrutura para lidar com o sentimento de falta, desamparo e angústias que até então não foram sentidos com contorno suficiente para ela. Cada criança cria sua própria rede de imagens para lidar com os sentimentos que são despertados em ocasiões de medo intenso.

Muitas vezes, os sintomas da criança são fruto da atmosfera psíquica dos pais e esses tem alta capacidade de projetar seus maiores temores no campo afetivo com a criança. O medo natural da criança pode ser sentido como algo extremamente ameaçador para seus cuidadores e adultos ao redor gerando neles uma angustia de falta de coragem para lidar com sentimentos obscuros que lhe são próprios e transferidos para as crianças daquele núcleo familiar.

A criança então precisa estar apta a sentir medo. Na visão do psicanalista Winnicott e seu amplo trabalho no campo infantil, o medo da criança permite que ela aprenda a lidar com os aspectos sombrios internos (o mau) vendo a maldade no exterior. E só gradativamente vai integrando as imagens do mal que estão fora, seus bichos papões e monstros, tomando para dentro de si. Ela só consegue integrar seus monstros, na medida em que observa também a bondade que existe no mundo numa dinâmica entre o mundo externo e interno.

A bondade no mundo quando é apreendida pela criança a ajuda internalizar a fantasia de proteção no seu ambiente. Se ela não é capaz de fazer esse tipo de ponte, sente-se sem continente seguro para suas emoções e o medo intensificado toma conta e a deixa sem espaço para imaginar outras imagens que não sejam as mais ameaçadoras e paralisantes.

Do jeito que estou explicando aqui parece que somente se o mundo for bom na maioria dos seus aspectos é que podemos ter crianças lidando satisfatoriamente com o seu medo natural. Mas nem tudo é o que parece. Está previsto desde sempre a queda do paraíso em muitos momentos da vida de qualquer indivíduo. Toda vez que o paraíso se perde coincide com uma nova chance de tomada de consciência, pré requisito para todo processo de individuação. Perder o paraíso então não é o mais grave dos problemas, é necessário. O maior dos problemas é perder o paraíso e não encontrar continente que lhe favoreça a elaboração de capacidade simbólica e imaginativa para lidar com os sentimentos despertados na queda. Toda vez que se cai do paraíso, encara-se a serpente. O mesmo mito se repete, mas com nova roupagem na atualidade. Lidar com o medo, tem necessariamente uma relação temporal entre o tempo do mundo e o tempo do seu mundo, no caso, do mundo da criança.

A idéia de criança já é por si só algo temporal. É uma invenção de um tempo tardio. É fruto da nossa capacidade imaginativa pensarmos distinguindo as etapas da vida. Hillman vai diferenciar a criança imaginária ou da fantasia, da criança real. Uma se trata da criança externa, a outra é a criança que pode existir independente da idade de um indivíduo. Uma memória platônica, imaginária que se encarrega de atribuir à criança real maneiras próprias de se ver, sentir e pensar. Um modo imaginário de existir, a infância. Crianças são seres *não adulteradas* por outras necessidades que não as necessidades infantis.

Se a criança também é uma construção social, fruto da nossa capacidade imaginativa tanto quanto o ambiente em que ela está inserida, quais os nomes dos bichos papões próprios da atualidade? Quais as novas roupagens da repetição dos

mitos da perda do paraíso? Do que se tratam os continentes atuais responsáveis por suportar a face dos monstros que nos assombram após a queda do paraíso?

Um dos principais conceitos da abordagem junguiana é o conceito de sombra. Como sabemos, se trata de conteúdos não reconhecidos pelo espectro egóico ou consciente. Ali residem as faces mais detestáveis moralmente falando de um indivíduo, mas também todo o conteúdo que pode proporcionar um caminho criativo para lidar com a face do bicho papão. Veneno (o mal) e antídoto (capacidade criativa) são aspectos que residem na sombra.

A insuportabilidade da sombra gera um impulso inconsciente para expulsar os conteúdos de nós mesmos. O desejo de expulsar os componentes sombrios fazem com que tenhamos acesso a esses conteúdos por meio de projeções que despejamos nos outros e no mundo. Quando projetamos criamos imagens usando como pano de fundo os mais detestáveis conteúdos que não poderiam ser nada mais nada menos do que imagens do pânico, do medo.

A natureza do medo tem algo de instintivo, um fator importante de preservação da espécie que funciona como um alerta de que algo está em perigo e precisa de combate, proteção ou fuga. Mas não é tudo. A biologia do medo não o define por completo. Assim como a cultura é fruto da capacidade imaginativa do homem, o medo anda em consonância com ela. Melhor dizendo, com elas, nas suas múltiplas formas e faces dependendo do tempo, do espaço e do contexto.

Existem muitas formas descritas sobre como olhar para o medo, podemos olhar como um mecanismo psicofisiológico de ataque e defesa inconscientes e podemos olhar como *uma resposta ao numinoso*, amplificação, inauguração de novas formas de estar no mundo. Um aspecto invocado pelo mito de Pã e sua repetição em novas roupagens, cada uma a sua época e contexto.

Pã é conhecido como um demônio que foi aceito no Olimpo. O seu nascimento com chifres e patas de bode foi um choque e acabou sendo abandonado pela mãe. Não se sabe ao certo quem é, devido às muitas versões do mito justamente por ter sido divindade durante séculos e presente em muitos povos. Seu pai em uma das versões é Hermes, o deus mensageiro. Em outras Zeus ou Dionísio. De qualquer forma, ganhou maior simpatia de Dionísio quando foi para o Olimpo. Deus do vinho, da loucura. Pã vive nas escuridões das florestas e por isso relacionado às forças da natureza. Era temido por aqueles que eram obrigados atravessar as matas durante a noite, pois as trevas e a solidão que eram atribuídos às matas escuras predispunham temores supersticiosos. Por esse motivo, os temores súbitos, sem causa aparente ou pânico eram relacionados à

divindade Pã, que tem na raiz de seu nome o significado de “tudo”. Carrega com ele uma flauta, fruto da transformação da preferida de suas ninfas, Siringe com quem não conseguiu se relacionar tamanho era o pânico da ninfa, apenas depois de sua morte que ocorreu em consequência da sua fuga em pânico.

Portanto, o pânico pertence à natureza humana e sempre existirá independente do tempo, mas relacionado à ele e suas imagens. *Ansiedade e desejo são centros gêmeos do arquétipo de Pã.* Ambos pertencem ao polo abstrato dos instintos, governado por metáforas.

Difícilmente chegaremos a uma conclusão do que venha a ser o medo, mas podemos pensar o medo na sua complexidade e múltiplas facetas, nos aproximando dos infinitos tipos de experiência do medo. Lembrando que não há época ou idade para o medo. É legítimo *per se*. É atemporal em sua temporalidade.

Nossa cultura ocidental busca se relacionar com o medo invocando deuses como Apolo e Hércules. Na sua maneira mais racional, biológica e heróica na medida em que se espera invocar a coragem para vencer o medo. Ao matar Pã, torna o medo uma patologia e não mais um caminho de sabedoria e conexão com a natureza. *Tal qual o amor, o medo pode tornar-se um chamado à consciência.*

Nos seus seminários, Jung convoca o medo para ser olhado como um caminho para vincular-se com o inconsciente, o desconhecido, numinoso, incontável. Eleva-se o instinto do medo ao seu caráter espiritual e sabedoria da natureza.

Hillman também pensa o medo como o mais natural em um indivíduo e vê a ausência de ansiedade e pavor como prevenção e defesa de sobressaltos se mantendo à distância do imprevisível. A tentativa heróica de vencer o medo significa se manter distante de qualquer possibilidade de sobressalto imprevisto. Imagina-se que dessa forma o ambiente se encontra controlado e seguro, o que não é verdade. Pã está solto e nos piores sintomas e ataques de ansiedade convocando para o retorno da consciência do mal e do criativo.

É comum associarmos os sintomas de um ataque de pânico com os da paranóia, mas surpreendentemente são antagônicas entre si no sentido em que quanto mais me afasto do instinto do medo mais força atribuo aos enlaces paranóicos. Deposito no Outro as projeções do mal e me afasto de seu significado. Hillman conceitua a paranóia como *desordem do significado* uma vez que o meio ambiente nos oferece um mundo de significados. Ao invocar Pã ou ser surpreendido por ele, somos convocados a atribuir novos e amedrontadores significados diante da nossa natureza escancarada. O mito nos

convoca ao ser surpreendido pelo medo não tendo chance de escapatória a não ser se relacionar com ele.

Passear na floresta densa e no cair da noite significa colocar o ego para dormir e então poder encarar os monstros que lá habitam, dar vida aos bichos papões que durante a luz do dia seguem paralisados enquanto o ego está entretido em múltiplas atividades. Hoje as crianças estão sendo preparadas para um mundo de multitarefas. As escolas já oferecem esse tipo de *serviço*. Um mundo que acaba transformando os monstros em serviçais e não mais como caminho para encontrar em si o mal que mora dentro. À noite, quando o ego é posto para *ninar* a paralisação se inverte, os monstros saem com vida a assombrar enquanto permanecemos paralisados de medo. Seja o mito de Pã, sejam monstros ou qualquer outra roupa que o medo use, o pânico é uma porta de entrada para o contato com a realidade da natureza viva. E o encontro com o horror é sábio quando ele é natural.

O medo nas crianças, de qualquer idade, aparecem principalmente à noite, ou quando está sozinha, e sem atividade que possa entreter a sua atenção. Aparecem nas mais variadas formas de monstros, bruxas e inclusive imagens de medos que fazem parte da vida cotidiana, da realidade e do ambiente da criança. Como adultos devemos tanto ter capacidade de suportar e esperar pelo medo natural, quanto estar atentos se os medos não estão gerando sintomas paranóicos, paralisações, alteração no corpo. Em outras palavras, cessando o canal imaginativo da criança para dar espaço a um mundo estéreo e sem imagens.

Quando se tenta vencer o medo, tentamos desmascará-lo. O fazemos lhe atribuindo um nome, um motivo que tenha despertado o tamanho horror. Queremos de qualquer forma limpar, capinar as matas densas e escuras da floresta sem deixar chance para os esconderijos de Pã. Queremos uma mente limpa de medos e imprevistos e colhemos uma mente de fantasias distantes de significados.

A tecnologia e a modernidade estão aí todos os dias nos lembrando ou bombardeando com as possibilidades de catástrofes do mundo cotidiano. Essas imagens que dizem mais do que mil palavras encaixam perfeitamente com a capacidade imaginativa do homem moderno que entra em pânico diante do imprevisível. Bauman vai dizer que o *mal* é aquilo que chamamos quando não sabemos ao certo qual regra foi violada. É a certeza de que o mal existe, ele é. E diante deste fato tende-se tentar dar um nome adequado para o fenômeno e torna-lo mais tolerável. Exatamente como as crianças o fazem, dão nomes para o mal.

Numa de suas andanças pela modernidade líquida o sociólogo polonês fala que desde o iluminismo a tentativa foi justamente acabar com o medo ou com qualquer possibilidade de desconhecimento que possa gerar sentimentos de insegurança na sociedade. O caminho de *cura* do medo nos levou para o polo oposto de frustração diante de um caminho perdido. Diríamos que o iluminismo prometeu o retorno ao paraíso, mas falhou na sua promessa. O que caracteriza nossa sociedade atual é justamente a consciência de que não há promessas possíveis, não há como escapar das possibilidades de catástrofes do futuro, ou da perda de um mundo conhecido, do mal no mundo. Nossa sociedade líquida moderna tenta tornar a vida com medo uma coisa tolerável. Mas ao invés de contar com a possibilidade de transitar em matas escuras sujeitas ao pânico, prefere ignorar ou silenciar o medo. Ignora-se na banalidade do mal, na esperança de ser esquecido pelo desastre. Tenta-se burlar o tempo, retardar a frustração com inúmeras estratégias.

O mal torna-se intolerável quando não é possível dar um nome à ele. Acontece quando sua carga afetiva parece maior que sua imagem, impedindo qualquer contato com a faceta do bicho papão. Não há possibilidade de sentir o pânico e muito menos uma interação criativa com a imagem. É necessário voltar a atenção à essa criança que está sendo convocada o tempo todo para a *adulteração* de sua infância e se não está sendo exposta à imagens com as quais ela não está em condições de interagir, sem continente suficiente para se relacionar com as imagens do medo no mundo.

O medo ativa em nós humanos o receio de adulterar nosso modo infantil de existência, o medo da perda do paraíso que já foi perdido. Ao mesmo tempo inaugura a nova consciência adulterada pela penetração do submundo da natureza, o horror que existe e do qual fazemos parte.

Comecei o texto destacando que o homo sapiens foi abruptamente incluído no mundo dos dominantes e predadores, o que nos tornou predispostos a atuar inversamente e com crueldade sobre o mundo natural. Criou-se a capacidade de se imaginar *por cima* e reagir da condição de dominados que um dia fomos. Talvez uma espécie de inauguração do espaço sombrio no homem, que tenha surgido no mesmo momento que sua capacidade imaginativa. Existe algo em nós que naturalmente pretende controlar aquilo que desconhecemos.

É na imaginação que reside tanto o desejo de domínio quanto os símbolos do medo que se pretende dominar. Novamente o conhecido jogo de opostos que Jung tanto salienta na sua obra e que permite que novas roupagens possam ser dadas às faces do

medo na relação com o tempo. Os mitos que se repetem dando palco a novos personagens para a integrar o que há de sombrio no mundo e em nós.

Quando falo em atualidade aqui, estou me referindo então à uma cultura ocidental que vive fragmentos iluministas que não tolera conviver com o desconhecido, bandeirantes das matas densas e escuras, mas que descobriu a fatídica notícia que mesmo diante de todo “desmatamento” não há possibilidade do *livrai-nos do mal*. Pã sobrevive no escancaramento do real, sem possibilidade de continente simbólico que sirva como tempo intermediário para integração do mal dentro de nós. Ele vive na projeção direta na realidade. Os monstros e heróis estão cada vez mais vivos, os mitos estão nas esquinas em carne e osso. Quando a ameaça se torna real ou perto demais, a fantasia de nos livrar daquilo que nos ameaça também se torna real. Se o monstro tem corpo, há como ser morto.

Real demais, imaginativo de menos. A insustentabilidade do mal interno somado à necessidade imediatista de cura ou que não tolera o desconhecimento do mal, resulta em projeções sem tempo suficiente para simbolização das faces do medo.

Os monstros se tornam reais. Gera-se violência endêmica, combates e comportamentos de guerra contra o Outro. As crianças são expostas a esses múltiplos cenários acompanhados de adultos que muitas vezes não funcionam como continente suficiente, que estão tomados pelo próprio pânico, lutando por sua própria fuga de adulteração do modo de existir infantil. São adultos que ou expõe a criança à realidade sem que ela tenha capacidade para esse movimento ou adultos que superprotegem numa *la vita è bella* eterna.

Após o desmatamento das florestas escuras, os frutos que estamos colhendo das árvores que restaram neste campo aberto são do gosto mais amargo. Não só a consciência da existência do mal no mundo, mas a consciência de que o mal não pode ser vencido, ele nos pertence. O problema não é saber que nunca teremos nosso paraíso de volta, mas que estamos secando qualquer fonte de continente para essa consciência do mal em nós. Fontes secas de suporte impedem que possamos criar vínculos com o mal e através do pânico acessar fontes criativas de inauguração de novas imagens do mundo.

Para que as crianças possam integrar o mal do mundo, é preciso que o continente seja suficiente para suportar o movimento de projeção, imagem e integração. Espera-se que as crianças encontrem nos adultos o tipo de suporte necessário. Porém nossos adultos também estão à espera de suporte para seus próprios temores e não estão conseguindo lidar com seus próprios medos. Seus esforços se direcionam ao máximo

para o desmascaramento dos monstros da atualidade. Se apoiam na necessidade direta e imediata para dar nomes concretos aos medos. A criatividade se esgota na artimanha para a construção da armadilha para capturar Pã. E se toda energia daqueles que funcionariam de suporte para as crianças estão voltadas para capturar o mal e o imprevisível, quando são surpreendidas pelo medo natural da criança costumam ensinar a fazer o mesmo com seus bichos papões. Nega-se o tempo e continente que a criança precisa para poder se vincular com os medos e seus personagens. Os adultos em sua maioria estão ensinando às crianças que os medos precisam ser vencidos. Que o monstro é apenas a sombra da manga de um casaco no armário.

Os adultos, filhos e netos da nossa cultura materialista, buscam entender o medo. Tendem a dar um sentido concreto para o bem e o mal, tendem a literalizá-los. Formulam mitos, vilões e heróis de carne e osso. Em consequência desse esforço, os que servem de continente da projeção do mal necessário e natural da criança, acabam empobrecendo as imagens criativas do medo que ela carrega e em troca as expõe para os perigos reais do ambiente sem que elas tenham recursos para lidar com os fatos do mal no mundo.

Impossível concluir quais são as novas roupagens do medo, são tantas quanto forem as projeções do mal no mundo e no Outro. Mas embora não se possa especificar as roupas do medo, a intenção do trabalho foi elucidar as consequências que a sociedade contemporânea está enfrentando com o empobrecimento da capacidade imaginativa que é responsável por nos diferenciar dos outros seres vivos. Mesmo conscientes de que o mundo nunca será somente bom, ainda assim nos esforçamos para *vencer* o mal. Sabemos que a tolerância do mal é necessária, e continuamos a evitar o vínculo com o que há de mais natural do medo. As fantasias atuais são todas formuladas em cima e *por cima* da idéia de salvar o mundo e transforma-lo em bom, livre do mal. Aquilo que tendemos a acreditar que é tolerável, é justamente o que empobrece a nossa sociedade limitando a capacidade criativa e imaginativa para suportar e interagir com as facetas dos bichos papões da atualidade. Fugimos o tempo todo para não sermos adulterados do modo infantil de existir, um fôlego que resiste na ingenuidade. Mas não é porque os clarões estão sendo abertos nas matas densas e escuras que Pã desiste de nos capturar na surpresa do medo. Pã se mantém vivo nos sintomas que chamamos de transtornos porque de fato nos transtornam nos puxando para baixo, a verdadeira queda do paraíso.

Em cima do piano tem um copo de veneno e em algum momento temos que beber e morrer. Tanto o copo de veneno quanto o piano são aspectos da sombra que

pertencem ao mundo. O veneno e antídoto habitam o mesmo lugar. Um espaço perigoso e necessário, mas que só podem ser acessados longe do esforço para o esgotamento de imagens. É no vínculo com os aspectos do medo que se tem acesso ao numinoso, e às novas imagens criativas para o mundo. Alguns aspectos precisam morrer, se adulterar e se transformar para se tornarem seringas da sociedade. Medos em notas musicais talvez sejam caminhos possíveis para suportar o mal que nos deixa em pânico. A capacidade de imaginar nos permite o vínculo com o medo sem precisar abandonar no Outro a projeção que não suportamos recolher de volta.

Se a sociedade decidir *entrar de vez naquela dança* tocada com as notas musicais da flauta de Pã, acredito que haverá mais espaço para bichos papões imaginativos e menos para os distúrbios de sentidos do mal no mundo.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. *Medo Líquido*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Flesler, A. *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- Harari, Y.N. *Sapiens-Uma breve história da humanidade*. Tradução Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- Hillman, J. *Abandonando a criança* In: Estudos de psicologia arquetípica. Tradução: Dr. Pedro Ratis e Silva. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- Hillman, J. *Pã e o pesadelo*. Tradução de Carla C. Pilon; Daniel F. Yago. São Paulo: Paulus, 2015.
- Hillman, J. *Paranóia*. Tradução de Gustavo Barcelos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019
- Jacoby, M. *Psicoterapia Junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: Padrões básicos de intercâmbio emocional*. São Paulo: Paulus, 2010.
- Winnicott, D, W. *A criança e o seu mundo*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- Zweig,C. y Abrams, J. (org.) *Encuentro con la sombra: El poder del lado oscuro de la naturaleza humana*. Barcelona: Kairós, 2018.